

LETRAMENTO LITERÁRIO EM REDE: ENTRE A LITERATURA E A SEMIÓTICA EM DEFESA DA VOZ DOS EXCLUÍDOS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

Resumo: Este artigo visa produzir uma reflexão crítica sobre práticas de letramentos no espaço virtual a partir do texto literário associado à semiótica, para conhecer uma nova língua-literária que emerge da autoria de grupos marginalizados. Dessa forma, utilizaremos vídeos literários estudantis disponíveis no youtube, que discutem o silenciamento dos subalternos nos espaços de poder e o site literário Recanto das Letras. Trata-se de uma pesquisa investigativa pautada nas teorias da intersemiose de Roland Barthes (2001) e da desconstrução de Jacques Derrida (2001, 2014), que propõe apresentar a voz de subalternos como leitor-autor, numa perspectiva linguística-literária, semiológica e histórica a partir do livro “Quando a escola é de vidro”, de Ruth Rocha e do filme “Que é isso, companheiro?”, direção Bruno Barreto, baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira. *Palavras-Chave:* Letramento literário. Semiótica. Subalternidade.

NETWORK LITERARY LITERACY: BETWEEN LITERATURA AND SEMIOTICS IN DEFENSE OF THE VOICE OF THE EXCLUDED PEOPLE

Abstract: This article aims to produce a critical reflection on literacy practices in the virtual space form from the literary text associated with semiotics, in order to know a

¹ Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2000), Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (2010) e Mestrado em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (2014), Doutoranda em Crítica Cultural. Endereço eletrônico: beth.criticacultural@gmail.com.

new literary language that emerges from the authorship of marginalized groups. Thus, we will use student literary videos available on youtube, which discuss the silencing of subordinates in power spaces and the literary website Recanto das Letras. This in an investigative research based on the theories of intersemiosis by Roland Barthes (2001) and the deconstruction of Jacques Derrida (2001, 2014), who proposes to present the voice of subalterns as reader-author, in a linguistic-literary perspective, semiological and historical from the book “Quando a escola é de vidro” by Ruth Rocha and the film “O que é isso companheiro?”, directed by Bruno Barreto and based on the book of same name by Fernando Gabeira.

Keywords: Literary literacy. Semiotics. Subordinate.

Introdução

Quem nunca ouviu falar que a literatura como vem sendo trabalhada na educação básica tem seus dias contados? Isso porque o mundo é permeado de tecnologias. Assim, a sociedade estudantil conectada da contemporaneidade parece não ter mais tempo e nem espaço para folhear um livro, sentir o cheiro e o prazer de tocar cada página e fazer de uma leitura literária, uma escrita de potência do subalternizado, onde o autor e leitor ora se distanciam e ora se fundem entre os fios e redes do mundo virtual.

Pensar no letramento literário virtual remete a figura do leitor-autor que através de um léxico, um texto, uma imagem, uma cena ou um fato histórico, são desencadeadas novas formas de (des)construção do literário. E partindo-se da teoria da desconstrução defendida por Derrida (2001), e da teoria da intersemiose de Barthes (2001), as forças de poder da literatura, — particularmente a semiosis —, multiplica os sentidos do literário, sabendo-se que a literatura é defendida como uma estranha instituição que precisa se aliar

a outras ciências, produções artísticas e culturais para sobreviver.

Através deste artigo, almeja-se ir além da desmontagem literária que acontece nos espaços escolares e refletir como as formas de letramentos nos ambientes virtuais se multiplicam e atingem usuários de um local não institucionalizado como redes sociais, proporcionando a união entre a literatura, história, semiótica e linguística. A inquietação vem do fato da quantidade de estudantes que se apropriam de um texto literário e ressignificam, sem atentar que assumem três papéis sociais (leitor, autor, leitor-autor) simultaneamente, e transitam por diferentes áreas, empoderando-se devido às produções virtuais.

Por muitos anos, o aluno na sala de aula desempenhou um papel secundário, porque o professor era o detentor do saber e da fala, enquanto para o aluno restava a cópia, o silêncio e a obediência. Em uma escola tradicional, por exemplo, os métodos e currículos são uniformes e fixos, porque há uma passividade e aceitação para que nada saia da “normalidade”. É como se todos precisassem ser encaixados em um modelo de escola padrão, e sair desse padrão poderá ser considerado rebelde, subversivo e até comunista. Fato que na história do Brasil, no período da ditadura militar, o silenciamento foi mais abrangente e violento, e as táticas de engessamento para encaixar no padrão imposto pelas leis vigentes da época, ceifaram muitas vidas.

Nos livros *Quando a escola é de vidro*, de Ruth Rocha (1986), publicado um ano após o término da ditadura militar e *Que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira (1979), com publicação no período ditatorial no Brasil, nota-se que onde a opressão circula, a resistência se instaura. Um paradoxo muito comum no espaço escolar, quando a imposição à determinada norma de conduta causa resistência e linhas de fugas. Esses dois livros, disponíveis nos espaços virtuais, servirão

de “pano de fundo” para o desenvolvimento deste artigo, e a chegarmos a um grupo de estudantes da educação básica que fizeram uso desse material. Vale ressaltar que o livro de Gabeira foi adaptado para o cinema homônimo, dirigido por Bruno Barreto em 1997. A partir dessas leituras confrontadas, muitas vozes sairão, mas o nosso interesse é para as práticas de letramentos literários que conseguimos detectar, a partir da fusão linguística-literária com outras ciências, onde vozes excluídas socialmente ecoam nos ambientes virtuais.

Desse modo, o foco no primeiro momento são as bases teóricas deste artigo, onde a Literatura e a Semiologia buscam caminhos linguísticos para dialogar e fomentar a parceria tão necessária e presente nas práticas de escrita estudantil. Em seguida, a metodologia da desmontagem para que o letramento literário aconteça a partir do livro *Quando a escola é de vidro*, de Ruth Rocha, e por fim, a análise crítica cultural do signo desmontagem, tomando como base o livro de Fernando Gabeira “Que é isso, companheiro?”

Não há intenção de responder todas as inquietações, mas abrir mais um leque para as discussões que giram em torno dos letramentos no espaço virtual. Letramentos que vão além dos espaços institucionalizados e do gênero textual escolhido pelo professor, uma vez que rompe a literatura e ganha a história, semiótica, linguística, entre outros campos de saberes, com uma certeza de que há muita produção para ser lida, discutida e desmontada.

Literatura e semiologia: caminhos que levam à linguística

Roland Barthes, através do livro *Aula* (2001) — resultado da aula inaugural de Semiologia literária para o colégio de França —, aponta a Semiologia como a ciência dos signos. Para Barthes, é imprescindível a junção da literatura e semiologia com intuito de “corrigir-se uma a outra”. Atraído pelos

estudos desenvolvidos por Ferdinand Saussure, defende o poder que a literatura tem em “falsear a linguagem” e driblar as convenções linguísticas arbitrárias em prol de novas significações.

Para Barthes, a *Semiosis é a força da liberdade*, porque é através da semiologia que a literatura ganha força para articular diversos sentidos, a ponto de transitar entre os signos, tornando-se uma *ciência completa*. Isso porque a literatura é capaz envolver-se com outros saberes, potencializando-se e multiplicando sentidos. Barthes defende que a semiologia recolhe as impurezas da língua ativa. Desse modo, os temores e desejos até as intimidações e corrupções da mensagem ficam por conta da semiologia capturar. E esse olhar semiótico para o texto literário nos possibilita desprender dos significados transcendentais e abrir as possibilidades de outros diálogos.

A literatura faz girar saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles, ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por outro lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante a pedra de Bolonha, que se irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega (BARTHES, 2001, p. 17-18).

A proposta barthesiana coloca os conhecimentos literários em um local de destaque. Para ele, caso aconteça algo destruidor das disciplinas para bani-las do ensino, como uma espécie de barbárie, para a preservação das ciências bastaria salvar a literatura, pois ela consegue agregar todas as ciências em um monumento literário. É o poder que a literatura tem de atrair para o seu campo, não apenas outras ciências, mas diferentes sentidos. E essa mudança de olhar para o

literário tem história, caminhos que levam ao linguista Saussure.

Primeiro, Saussure via a ciência da linguagem muito engessada, presa às convenções e tradições da metafísica ocidental. Por conta disso, ele sentia-se inerte, pois não havia estudos suficientes na filologia para promover a desmontagem linguística almejada. O signo, defendido por ele, como uma irradiação positiva, contrapõe-se com a linguagem que é o espaço das diferenças negativas, por quê? Para Saussure os significados são arbitrários, e por sinal Agamben (2007) registra uma carta de Saussure expressando a sua contrariedade por conta da falta de coerência nas questões linguísticas. Vejamos um fragmento da carta destinada a Meiller, de 1894, que segundo Agamben, foi *publicada por Benveniste em um artigo memorável*:

Estou muito enjoado com tudo isso e com a dificuldade que se tem em geral para escrever dez linhas que tenham sentido comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado há tempos sobretudo com a classificação lógica desses fatos...vejo cada vez mais a imensidão de trabalho que seria necessário a fim de mostrar ao linguista o que ele faz...e, ao mesmo tempo, quanto é vão tudo o que, afinal de contas se pode fazer em linguística... isso acabará, apesar de mim, em um livro no qual não existe um só termo usado em linguística ao qual eu atribua algum significado...só depois de ter feito isso, confesso que poderei retomar o meu trabalho no ponto em que o deixei... (SAUSSURE, 1894 apud AGAMBEN, 2007, p. 243).

Sem dúvida, a arbitrariedade dos signos afetou muito Saussure. Os seus estudos não tinham propósito de publicação, e o desânimo do pesquisador é latente no documento acima. No entanto, três anos após a sua morte, por intermé-

dio de um grupo de estudantes ex-alunos do Curso de Linguística ministrado por ele, a publicação do livro aconteceu.

Assim, como evocamos Barthes em defesa da teoria da intersemiólogia, através de um diálogo intenso da literatura com outros signos, elegemos também para essa discussão, as contribuições de Derrida, no que tange o literário e a desmontagem. Saber que a literatura precisa aliar-se a outras artes e culturas para dialogar e expandir-se é uma questão de sobrevivência. Por outro lado, é a base da teoria da desconstrução proposta por este filósofo. Pois, conforme a sua defesa, a essência da literatura provém da falta de essência. Isso porque,

Não há como estabelecer um significado único nem uma referência definitiva na realidade, pois o literário opera por significações e referências parciais e mediadas para com o real. A essência da literatura é mesmo não ter essência alguma, rasurando e deslocando a pergunta metafísica “o que é?”, em proveito de um espaço irredutível a qualquer ontologia (DERRIDA, 2014, p. 15).

Desconstrução do literário aqui, não tem relação com a ideia de destruir ou desfazer de algo. Pelo contrário, a desmontagem evidencia a multiplicidade dos sentidos do literário. Derrida (2001) defende que o texto é formado do encaideamento com outros textos. Esse filósofo francês vai além ao afirmar que nenhum elemento pode ser considerado signo sem remeter a outro elemento. Em uma espécie de cadeia, esse cruzamento de signos deixa *rastros* concatenados uns aos outros. Passemos para a fase do letramento literário.

Letramento literário em rede 'quebra' vidros de escola

...existem lugares onde as escolas não usam vidro nenhum, e as crianças podem crescer à vontade...
(ROCHA, 1986)

Ao pensar no letramento literário, de imediato vem à memória frases tão comuns ouvidas no dia-a-dia por uma professora que atuou por muitos anos ministrando aulas de literatura brasileira em escola da educação básica, professora que atua como diretora pedagógica num município de laço, e pesquisadora que tem a literatura como objeto de análise: "Esse texto é chato", "Não gostei do texto", "O texto lido não me atraiu...", "esse texto é muito fechado", entre outras frases e discursos que circulam em salas de aula, corredores escolares e pátios das nossas escolas públicas. Até quando os alunos precisarão entrar no "vidro" para serem aceitos como normais? Como o letramento literário acontece sem precisar encaixotar os alunos como se fossem mercadorias?

Geralmente, quando o texto é considerado chato pela maioria de uma classe de alunos de ensino médio, o habitual é deixá-lo de lado, e partir em busca de algo mais convincente para um grupo de estudantes adolescentes e deixar a aula fluir. Mas não estamos pensando no comum, este não provoca mudança em ninguém, mas a ruptura, sim! Inquieta, incomoda, tira o centro. E o letramento literário surge para descentralizar práticas pedagógicas engessadas e provocar mudança de atitude em relação aos textos literários, porque estamos cercados de textos/autores e de leitores. Leitores que não largam os celulares trocando mensagens uns com outros, às vezes, a poucos metros de distância, como acontece na sala de aula. Leitores dos livros didáticos, leitores dos textos imagéticos, fílmicos, sem apresentar nenhuma proposta de escrita melhor ou pior a que foi censurada. Daí a necessidade de leitor-autor. Este vai além da leitura, porque

a modifica, traz para si o texto e assume um lugar de autoria após o processo de desmontagem do literário.

O leitor-autor, como defende Arena (2009), é um construtor de sentidos e desempenha dois papéis ao percorrer links dos hipertextos: como leitor e autor simultaneamente. A leitura na sala de aula ainda continua sendo muito presa aos moldes do livro didático, nos quais fragmentos de obras literárias são dispostos, mas não conseguem chamar a atenção do leitor para ir à fonte buscar a obra anunciada. O letramento literário em rede aponta uma possibilidade de mudança de cenário no que tange a leitura e escrita do literário.

Através de pesquisa de campo, estudantes da educação básica, escola pública, convivem no ambiente virtual através de cadastramento em site literário. Na categoria de autor, porém, protegidos por pseudônimos, dialogam com outros autores e textos. A partir desses diálogos com outros textos, a produção estudantil é tecida, no entanto, sem perder o fio condutor do texto de origem. O livro de *Quando a escola é de vidro*, de Ruth Rocha (1986), ilustrado por Walter Ono, começa assim: “la para a escola todos os dias de manhã e, quando chegava, logo, logo eu tinha que me meter num vidro.” Quantos vidros nossos alunos são obrigados a entrar para atender uma proposta pedagógica não atraente? A serviço de quem estamos educando? Como fazer quebrar esses vidros? Quais as linhas de fugas para fugir dos aprisionamentos literários?

Quando a escola é de vidro, é preciso que apareçam os “Firulis” para subverter a ordem do discurso, não aceitar o que está posto, mas criar caminhos para novos percursos. Vozes subalternizadas, mas potencializadoras, sem se incomodar com estigmas. No livro em discussão, não foi diferente: “[...] veio para minha escola um menino que parece que era favelado, carente, essas coisas que as pessoas dizem para não dizer que é pobre. Aí não tinha vidro para botar esse me-

nino." Ao trazer o drama de Firuli e seus colegas para a nossa sala de aula, vimos o quanto o real se aproxima da ficção, quando por exemplo, empurramos um texto literário goela abaixo do aluno, mesmo sem atentar para o gosto, digestão ou atração pela obra, e como dose única, a ameaça: "Estudem que vou cobrar esse texto na prova!". Essa tão comum fala pescada de corredor, leva-nos a deduzir que há muitos colecionadores de vidros que impedem o crescimento do aluno.

O discurso do senso comum é "Estudante da educação básica não escreve nada". No entanto, os olhares são para os caminhos, as práticas de letramentos que fazem com que a obra literária chegue até esse leitor. A partir daí, observar o tempo de cada um para que a produção flua. Num período de dois anos transitando os espaços virtuais, há quem tenha se identificado com apenas um texto, outros chegaram a mais dez. Outros extrapolaram, levaram as leituras e produções para vídeos e redes sociais e, com ajuda dos pais e/ou colegas, multiplicaram as práticas de letramentos. Era uma festa levar um grupo de estudantes do Ensino Médio, mais especificamente 3º ano, para o laboratório de informática para socializar as produções uns com os outros, preservando o anonimato.

Firuli não aceitou entrar no vidro e incentivou seus colegas a saírem daquela posição desconfortável. Rebelde? Revolucionário, sim! Os vidros foram quebrados, assim como as práticas de letramentos literários nos ambientes virtuais foram vistas como rebeldia por alguns, mas preferimos identificá-las como quebra de paradigmas. Em cada estudante que aceitou o desafio de ser autor da própria história surgiu um *Firuli*, questionador, leitor que foi além da leitura proposta, um leitor-autor, responsável por tecer as histórias em rede: "As experiências foram maravilhosas", enquanto outros sinalizaram "foi muito bom, discutir literatura, produzir sem a

preocupação de ser criticado, ninguém sabia que era eu...”, “nem sabia que a minha escrita valia a pena ser lida nem divulgada”, “passei a olhar de uma outra forma a literatura, minha visão era apenas daqueles livros velhos da biblioteca...”. Essas falas são fragmentos coletados no espaço virtual, nas páginas criadas por esses estudantes.

Kleiman, em uma perspectiva linguística-aplicada ao investigar as implicações que acentua o debate sobre a desvalorização do professor e para entender o porquê em muitas pesquisas apontam a professora como não leitora e não pesquisadora, detecta os problemas na reprodução desse discurso por parte da imprensa, porque é preciso saber que tipo de leitura está se falando e em que dimensão o letramento acontece. Kleiman afirma que a falta de apropriação da literatura legítima poderá causar insegurança nas professoras investigadas, e sugere inclusão de textos literários nos programas de capacitação e formação de professores. Em suas palavras:

Em resumo, a representação que a imprensa faz das capacidades de ler e escrever das professoras, geralmente baseada em fatos anedóticos, mostra suas falhas tanto em relação a práticas cotidianas de leitura e escrita (escrever um trecho coerente resumindo um texto de jornal, por exemplo) quanto em relação a práticas especializadas (por exemplo, escolher leituras para uso didáticos). Além disso, ela é representada como não-leitora, não porque não leia, mas porque não tem familiaridade com a apreciação literária legítima (em oposição à literatura para as massas). Pode-se dizer que a imprensa reproduz, nesta caracterização da professora, a pesquisa acadêmica sobre o assunto, pois, lembramos os dados apresentados na literatura especializada também se referem ou a práticas corriqueiras de

leitura e escrita ou aos hábitos de leitura e preferências literárias (KLEIMAN, 2001, p. 43).

Então, o caminho do letramento é bem árduo, as cobranças existem, as reproduções do juízo de valor, também. Como defende Kleiman, é preciso investir na pesquisa crítica se tiver intenção de transformar os cursos de formação e educação continuada. Como o olhar aqui é para estudantes, não professores, investir no letramento literário em rede é afirmar uma prática multicultural, proporcionando aos envolvidos a chance de irem além da leitura proposta. É também apoiar uma política revolucionária no que tange ao ensino da literatura, onde o autor, conforme a abordagem foucaultiana, se dilui nas dobras do texto, caracterizando-se e manifestando-se.

Que é isso, companheiro? E a análise crítica da desmontagem...

Vimos a necessidade de mudança, no entanto muitos conhecimentos dos estudantes são ignorados por conta das tarefas de repetição que se constitui um dos métodos mais violentos na educação do país.

(AMORIM, 2014, p. 46)

Para Castells (1999), estamos constantemente conectados direta ou indiretamente, porque vivemos numa sociedade em rede. Isto não depende da conexão com os aparelhos tecnológicos digitais e a partir desse pressuposto, os aparelhos celulares de estudantes de educação básica passaram a ter uma nova função: acessar e desmontar o texto literário.

A desmontagem com auxílio do dicionário é ato de desmontar, decomposição de elementos. Entretanto, ao beber da fonte de Saussure, nota-se que o signo é a luz que

irradia a linguística e os conceitos pré-definidos e logocêntricos são colocados em xeque. A sociedade da contemporaneidade faz com que pensemos na desmontagem como instrumento metodológico capaz de multiplicar, questionar e criticar significados convencionalmente fixos.

Os textos no ambiente virtual desmontam o cenário linguístico-literário posto, geralmente, sem espaço para novos autores, talvez por fazer parte de uma política cultural arbitrária. No entanto, a cultura faz parte da vida humana, e cultura aqui defendida, está sob o viés crítico e libertário, cultura como instrumento de luta, transformação e afirmação de identidades. Até então, a literatura reconhecida nos espaços institucionalizados encontra-se distante da produção desmontada estudantil, mesmo que esse processo de desmontagem passe a fazer parte da cultura de um lugar.

Para Foucault, a desmontagem acontece através de um novo estatuto de autor com a multiplicação do sujeito do discurso em vários "eus". Agamben (2007) vê uma barreira resistente, que é o significar. Assim como Saussure, ele defende que a ciência da linguagem está presa à tradição ocidental. A libertação dessa barreira está no signo, pois o signo deixa a linguagem inapreensível. Por outro lado, Derrida (2001) discute a desmontagem como desconstrução do significado transcendental. E as contribuições da semiologia através de Barthes que defende as forças de poder da literatura: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*. Colocando-a em destaque em relação a outras disciplinas, eis mais uma prática de desmontagem, principalmente através da *semiosis*, ao multiplicar os sentidos de um texto.

Foucault, Agamben, Barthes e Derrida viram nos estudos de Saussure caminhos para defenderem suas pesquisas, pois fica claro que a relação entre signo e significado não é nada amistosa, mas arbitrária. E a literatura aliada a semiologia proporcionou que grupos de estudantes da educação

básica assumissem diferentes posições no espaço virtual, inicialmente grupo leitor, posteriormente, grupo autor e para finalmente, com a desmontagem literária, tornar-se grupo leitor-autor.

A desmontagem acontece porque há inconformismo com determinada situação. No caso específico, as práticas de letramentos literários acontecem no ambiente virtual, às vezes, minimizadas nos espaços institucionalizados. Como Firuli, o aluno da escola dos vidros que não aceitou entrar num vidro para ser aceito. Identificamos como “vidro” toda e qualquer prática pedagógica que paralisa, aliena, anula ou discrimina a identidade de alguém. Talvez, até mesmo sem saber, Firuli inicia o processo de desmontagem daquele cenário, para que novos cenários sejam apresentados. O ato de quebrar os vidros para alguns professores foi considerado rebeldia. Para os alunos, resistência. E o processo de desmontagem é um ato de resistência! Resistência para não ser sucumbido pelo sistema tão bem montado e arrumando para convencer, paralisar e amedrontar.

No livro *Que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira (1979), com o filme homônimo, há a discussão do período da ditadura militar no Brasil, onde a imposição do silêncio por conta da censura, gerou muitas vozes de protesto, principalmente no campo das artes. No entanto, a discussão aqui está no processo da desmontagem que o livro passou desde a sua publicação, e para tal, a semiótica foi imprescindível. No caso do filme *Que é isso, companheiro?*, dirigido por Bruno Barreto (1997), não resta dúvida como a literatura precisa de outras artes para sobreviver. E é esse ponto que queremos chegar, o livro é de Gabeira, o olhar foi dele que vivenciou as experiências relatadas no filme, num período de exílio. Em contrapartida, no filme aparece o ponto de vista do diretor Bruno Barreto e no entanto, não perde o fio condutor do texto original, nem do autor primeiro.

Quando o filme chega às salas de aula e recebe novos olhares de estudantes, percebemos que assim que a literatura foi o cinema, este poderá ser transformado em poesia, carta aberta, charge, panfleto, não é verdade? Leitores primários, à medida que vão se apropriando do texto num processo de reconstrução, tornam-se autores, e posteriormente em relação à obra inicial, leitores-autores. Assim, podemos afirmar que o livro *Que é isso, companheiro?* é de Gabeira, mas a poesia com o mesmo título é de um leitor-autor.

Um outro ponto a saber, desconstrução não é destruição. Como afirma Derrida, “Desconstrução é liberar o gozo proibido”. Gabeira através de *Que é isso, companheiro?* relata um período de repressão e censura no Brasil, porém de muita luta armada contra o regime da época, vivenciado por ele, enquanto exilado, e outros companheiros. Através da obra de Gabeira, a literatura libera o proibido, o prazer de revelar o desprazer com o momento vivenciado. Percebe-se que mesmo num período de censura, ela não é capaz de silenciar a voz da alteridade.

As desmontagens acontecem continuamente nos textos que chegam até nós e muitas vezes nem atentamos para esse processo. Geralmente ela surge de uma inquietação, frase, fato, texto, contexto, algo que impulsiona o leitor ou observador a colocar no papel, tornando-se autor, divulgando a produção, até que novos leitores aparecem e consequentemente, autores das desmontagens apresentam outras significações sem nenhum fetiche.

Considerações Finais

Os textos estão por toda parte, envolvendo-nos em suas pontas e fios e às vezes, paralisando-nos diante das “Escolas de vidros” que precisamos penetrá-las e quebrar as

estruturas, para que a reparação aconteça e transforme farrapos em vidas humanizadas, políticas e críticas.

Foi uma tarefa árdua assumir o processo de desmontagem literária desenvolvido com estudantes de educação básica como um projeto viável, as resistências eram muitas, no entanto, letramento literário em rede só foi possível por conta desse abraço da literatura com a semiologia e outros signos. As primeiras turmas tinham vergonha de colocar o nome nas atividades produzidas e divulgadas, inicialmente nas paredes das salas, com o tempo, os murais, revistas, e os espaços virtuais. São mais de 100 vídeos da educação básica postados no *YouTube*, frutos das leituras literárias desmontadas e trinta cadastros com pseudônimos no site Recanto das Letras.

E assim, as vozes ecoam amparadas por Barthes, Derrida, Foucault entre outros, vozes que mostram através de vídeos: o preconceito, o autoritarismo, as diversas formas de silenciamentos, censuras e violências, e apontam uma escola cega, inerte diante do *bullying* contra o homossexual, violência contra a mulher, ideologia contrária a maioria, como forma de gritar “Que é isso, companheiro?”. E o letramento literário em rede é assim, um texto é mero pretexto para leitura e escrita e vice-versa de outras manifestações culturais.

Diante do exposto, não poderíamos deixar de registrar o quanto os créditos do professor Dr. Osmar Moreira dos Santos foram/são preciosos para o desenvolvimento da pesquisa. Como os alunos de outrora, houve momentos em que as práticas de letramentos promovidas pareciam não ter valor. Isso até conhecer Santos (2011), e ver a desmontagem como *ideia de reparação* através de táticas de arrombamento. Por fim, nessas táticas aprendemos que subalternos sabem e devem lutar contra os vidros, paus, arames, portas e cimentos que fazem parte da estrutura de alguma construção esco-

lar. Quem disse que a estrutura está certa? Que outros espaços poderão ser arrombados? Afinal, toda construção é signo, e todo signo merece ser investigado, desmontado, desconstruído.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. A barreira e a dobra. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. *Desmontagem da literatura em educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder*. Dissertação de mestrado. Alagoínhas: Universidade do Estado da Bahia, Campus II, 2014.
- ARENA, Adriana Pastorello Buim. *Leitor-autor: o sujeito construtor de sentido*. Artigo. In: *Revista de Educação PUC/ Campinas* n. 26, p. 19-28, jan/jun, 2009.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França; Pronunciada em Janeiro de 1997*. Trad. Leyla Perrone _ Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Uma estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro Lisboa; Veja, 1992, p. 29-87.
- GABEIRA, Fernando. *Que é isso, companheiro?* Filme. Direção Bruno Barreto. 1997, disponível <https://www.youtube.com/watch?v=-VZlxXjg6pM>. Acesso em: 30 jun. 2020.

KLEIMAN, Ângela. Letramento e formação do professor. Quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, Ângela. (Org.). *A formação do professor: perspectiva da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROCHA, Ruth. *Quando a escola é de vidro*. Ilustração Walter Ono. 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3Hvy85Rxbg>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estanha ideia de reparação. In: *Heterotopia: reparações — dramatizando ordens de despejo linguístico, cultural e territorial*. Ano 3, n. 4, dez/2011, p. 2.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

[Recebido: 1 jul. 2020 — Aceito: 15 ago. 2020]